

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – PRODUÇÃO EDITORIAL

Felippe Pozzobon Richardt

VIDA EM COMUNIDADE

Santa Maria, RS
2020

Felippe Pozzobon Richardt

VIDA EM COMUNIDADE

Relatório de Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social – Produção Editorial, da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Comunicação Social – Produção Editorial**.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Veneza Mayora Ronsini

Santa Maria, RS
2020

Felippe Pozzobon Richardt

VIDA EM COMUNIDADE

Relatório de Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social – Produção Editorial, da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Comunicação Social – Produção Editorial**.

Aprovado em ___ de julho de 2020:

Veneza Mayora Ronsini, Dr^a, UFSM
(Presidente/Orientadora)

Thomas Dalcol Townsend, Esp. (UFSM)

Lucas Durr Missau, Dr. (UFSM)

Santa Maria, RS
2020

À minha eterna amiga Leonor.

AGRADECIMENTOS

Listar as pessoas a quem eu gostaria de agradecer por terem me ajudado a concluir essa etapa beira o impossível, já que são tantas, mas não posso deixar de citar algumas, principalmente a minha avó Ileda, a minha forte mãe Maria Elizabete, que mesmo não me falando me mostrou na prática que desistir nunca é uma opção, meu padrasto Adelmo, que sempre foi um amigo presente, os amigos Rafael Salles, Rafael Dezorzi, Anelise Dias, Vitória Londero, Ivan Lautert e Dario Ramires. Não posso deixar de fora os colegas de trabalho da TV Campus que sempre foram presentes desde o início do curso. Um agradecimento especial a todos os professores do curso que tiveram paciência para me aguentar durante muito tempo e também à UFSM, que me deu educação de qualidade, emprego e oportunidades.

Aos amigos de longe e aos de perto, ficam um abraço e a certeza de que logo nos veremos; aos que não estão mais aqui, ficam a saudade e as lembranças boas. A todos, o agradecimento por terem participado da minha vida de alguma forma e terem me dado forças e incentivado conquistas.

Queria deixar registrado meu grande estimo e carinho à professora Veneza, com quem aprendi muito ao decorrer do curso, e desde a primeira aula que tivemos em 2013 foi uma grande fonte de inspiração e referência.

Cada vez mais pessoas começam a entender que a acumulação material, mecanicista e interminável, assumida como progresso, não tem futuro. Essa preocupação é crescente pois os limites da vida estão severamente ameaçados por uma visão antropocêntrica do progresso, cuja essência é devastadora.

Alberto Acosta

RESUMO

VIDA EM COMUNIDADE

AUTOR: Felipe Pozzobon Richardt

ORIENTADORA: Veneza Mayora Ronsini

Resumo: O presente projeto experimental trata da criação de um documentário sobre ecovilas e comunidades intencionais. O produto tem o intuito de ajudar a dar visibilidade e difundir os ideais de comunidades intencionais e ecovilas, bem como explorar suas relações com diversos aspectos da vida em comunidade e da sociedade como um todo.

Palavras-chave: Ecovila. Comunidade Intencional. Permacultura. Sustentabilidade. Mídias Sociais. Redes Sociais. Internet. Global Ecovillage Network.

ABSTRACT

LIVING IN COMMUNITY

AUTHOR: Felipe Pozzobon Richardt

ADVISOR: Veneza Mayora Ronsini

Abstract: This experimental project deals with the creation of a documentary about ecovillages and intentional communities. The product is intended to help give visibility and disseminate the ideals of intentional communities and ecovillages, as well as explore their relationships with various aspects of living in community and society in general.

Keywords: Ecovillage. Intentional Community. Permaculture. Sustainability. Social Media. Social Networks. Internet. Global Ecovillage Network.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Exemplo de imagem com <i>nodes</i> desativados.....	26
Figura 2 — Exemplo de imagem com os <i>nodes regular lift, gamma</i> e <i>gain</i> ativados	26
Figura 3 — <i>Waveforms</i> das imagens bruta (em cima) e com o <i>node regular lift</i> (embaixo).....	27
Figura 4 — Máscara de fundo	27
Figura 5 — Máscara no rosto do entrevistado.....	28
Figura 6 — Imagem com <i>nodes</i> 02 e 03 aplicados A.....	28
Figura 7 — Imagem com <i>nodes</i> 02 e 03 aplicados B.....	29
Figura 8 — Imagem com (em cima) e sem (embaixo) o <i>node</i> 04 aplicado	30
Figura 9 — Imagem com o <i>node</i> 05 aplicado.....	31
Figura 10 — Imagem com saturação alterada	31
Figura 11 — Imagem sem redução de ruído	32
Figura 12 — Imagem com redução de ruído	32
Figura 13 — Comparação bruto x tratado A.....	33
Figura 14 — Comparação bruto x tratado B.....	33
Figura 15 — Comparação bruto x tratado C.....	34

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	100
1.1.	OBJETIVOS DA PRODUÇÃO	11
2.	DOCUMENTÁRIO	12
3.	COMUNIDADES INTENCIONAIS E ECOVILAS	13
3.1.	INSTITUTO ARCA VERDE.....	14
4.	RELATÓRIO DE PRODUÇÃO EXPERIMENTAL.....	16
4.1.	PRÉ-PRODUÇÃO	16
4.2.	GRAVAÇÃO E EQUIPAMENTOS	18
4.3.	ROTEIRO	19
4.3.1.	Concepção e abordagem	20
4.3.2.	Descrição do objeto	20
4.3.3.	Estratégia de abordagem.....	21
4.3.4.	Estrutura.....	21
4.4.	ENTREVISTAS.....	21
4.5.	DECUPAGEM, MONTAGEM E EDIÇÃO.....	23
4.6.	TRILHA SONORA E SOM AMBIENTE.....	23
4.7.	CORREÇÃO DE COR	25
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
	APÊNDICE 1 — CRONOGRAMA DO PROJETO	38
	APÊNDICE 2 — TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E	
	ESCLARECIDO PARA ENTREVISTAS.....	39
	APÊNDICE 3 — ROTEIRO DE ENTREVISTAS	41

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso se trata de um projeto experimental em forma de documentário chamado “Vida em Comunidade”. Ele foi gravado no Instituto Arca Verde em São Francisco de Paula, no Rio Grande do Sul, entre os dias 22 e 25 de janeiro de 2020, pelo aluno Felipe Pozzobon Richardt, com a supervisão da Professora Veneza Mayora Ronsini.

O interesse sobre o tema deste estudo foi despertado no presente autor durante o primeiro semestre letivo de 2019 nas aulas de Sociologia da Comunicação (disciplina ministrada no curso de Comunicação Social da UFSM pela professora orientadora deste trabalho), em que abordou-se o modo de vida das comunidades intencionais como forma prática de enfrentar o que os moradores das ecovilas designam como “decadência civilizatória” — fenômeno resultante da desigualdade social, da devastação da natureza e das doenças físicas e psicológicas decorrentes do desenvolvimento econômico desordenado. Após o autor ler o projeto de pesquisa da professora Veneza e manifestar interesse em elaborar um projeto experimental com sua orientação, ela sugeriu que trabalhassem com o tema. Foram meses de consulta a referências audiovisuais e teóricas, leituras e, enfim, em janeiro de 2020, marcamos uma viagem ao Instituto Arca Verde. A professora Veneza, por já ter ido ao local anteriormente, fez o contato com integrantes do Instituto por e-mail e telefone, e assim foi dado início à parte prática do projeto.

O resultado foi um produto audiovisual de 23 minutos em que foram abordados o cotidiano em comunidade, as relações pessoais entre seus membros, suas visões de mundo, crenças e motivos para viver de forma não convencional. O planejamento do documentário traz uma ideia de pouca interferência no cotidiano dos entrevistados, deixando-os livres para dar as entrevistas quando julgassem conveniente, em local de sua escolha e com total autonomia para interrompê-las ou retornar às suas atividades.

Também foi produzido um vídeo extra com o material captado para ser entregue ao Instituto Arca Verde como forma de agradecimento pela disponibilidade do espaço e do tempo de seus moradores para a conclusão deste trabalho. Esse vídeo busca ampliar o reconhecimento do trabalho e legado do Instituto nas plataformas digitais, que é onde as comunidades têm mais espaço, pois conteúdos sobre comunidades intencionais e ecovilas raramente circulam em mídias de massa.

Em princípio, é apresentado o contexto em que o projeto foi pensado e concebido, um breve relato da construção dos objetivos e dos métodos utilizados para a produção do documentário, bem como a elaboração do roteiro das entrevistas.

Na segunda parte, trabalhamos o gênero documentário, sua definição e a razão pela qual foi escolhido para trabalhar com o objeto de estudo. Também serão expostos os métodos de produção.

A terceira parte aborda o contexto histórico do surgimento das comunidades intencionais no mundo e no Brasil e a trajetória específica do Instituto Arca Verde, sua relevância e sua história.

Na parte 4, apresentamos a parte técnica: as fases da captação, edição, montagem, pré-produção e pós-produção.

Feito de forma independente, sem investimentos públicos e com orçamento particular, o produto foi pensado e realizado para interessados em produção audiovisual e temas ligados à sustentabilidade e a um estilo de vida alternativo ao que estamos acostumados e tomamos como convencional.

1.1. OBJETIVOS DA PRODUÇÃO

O objetivo geral deste trabalho foi a criação de um produto audiovisual que buscasse, na visão dos moradores do Instituto Arca Verde, abordar de forma mais orgânica e sem intuito comercial o entendimento de “comunidade intencional” e “permacultura” e a visão que os moradores da comunidade têm da tecnologia, do sistema de consumo e de seu lugar na sociedade.

2. DOCUMENTÁRIO

O documentário explora situações e fatos reais. Esta é uma das principais características, de acordo com Rabiger (1998). Já segundo Nichols (2005), existem seis modos de documentário: o poético, o expositivo, o observativo, o participativo, o reflexivo e o performático. Aqui, trataremos apenas do expositivo, pois foi o modo escolhido para a produção.

Quando o documentário traz determinado objeto ou assunto, ter um conflito para servir de contraponto ao que é dito e mostrado traz riqueza e possibilidades de explorar a narrativa e transformá-la em algo mais interessante e com diferentes pontos de vista. Por exemplo, um documentário que fala da possibilidade de uma vida sustentável em meio à natureza precisa mostrar o lado da destruição ambiental e do que querem se distanciar as pessoas que optam por tal vida.

Ponha dois documentaristas lado a lado, e eles provavelmente discutirão o que é ou não é um documentário. E, conforme passam as décadas, os parâmetros continuam se expandindo, e as disputas são levadas pelas novas gerações. Porém, é unânime o que é central ao espírito do documentário — a noção de que documentários exploram pessoas verídicas e situações verídicas. (RABIGER, 1998, p. 3, tradução nossa).¹

Durante a produção de um documentário, é fácil deixar passar alguns detalhes, o que pode transformá-lo em uma grande-reportagem. O documentário, conforme Jaspers (1998, p. 175), “fala em primeira pessoa, confessa a sua subjetividade, enquanto a grande-reportagem ou o inquérito escondem esta subjetividade sob uma pretensão à universalidade”. Sendo assim, podemos assumir que o caráter subjetivo deve ser intrínseco ao documentário, não podendo se distanciar deste, pois corre o risco de perder a essência a que a ideia do documentário expositivo se propõe.

Já que deixar transparecer a visão do diretor é muito fácil e nem sempre o distanciamento é possível, é importante ter atenção redobrada às diversas etapas de produção do documentário. Podemos ver mais adiante no cronograma que um tempo de afastamento foi dado à medida que certas etapas foram terminadas. Tal tempo é importante para criar um distanciamento do objeto e do trabalho em si.

¹ No original: “Put two documentarians together and they will probably argue about what is, or isn't a documentary. And as decades pass, the parameters keep enlarging and the disputes are taken up by new generations. But uncontested is what is central to documentary's spirit - the notion that documentaries explore actual people and actual situations.”

3. COMUNIDADES INTENCIONAIS E ECOVILAS

Consideradas uma forma de ativismo ecológico, político e social, as comunidades intencionais trazem consigo uma ideia ancestral de união e comunhão. Historicamente com intenção de se opor a um sistema dominante e buscar alternativas mais saudáveis ao crescimento econômico através de uma ideologia voltada ao bem estar do ser humano, ao respeito ao meio ambiente e à busca pela sustentabilidade, as comunidades intencionais e ecovilas perpetuam um ideal de progresso através de uma revisita do ser humano a seu contato primitivo com a terra e com seus iguais.

Em conversas sobre os assuntos “comunidade intencionais” e “ecovilas” com colegas, amigos e familiares, o presente autor sempre percebeu estranhamento, desconfiança e dúvidas sobre o que realmente são as comunidades. Expõe-se uma ideia caricata de algo que se perpetua no imaginário popular: uma junção desorganizada de pessoas vivendo uma vida paralela sem se importar com o mundo externo, com os impactos causados pela humanidade à natureza, nem com a imagem que a sociedade dita convencional tem dos moradores da comunidade. Um dos pontos discutidos de antemão com os moradores era o papel da mídia em relação às comunidades, pois, como relatados por eles próprios, na grande maioria das vezes que tiveram a experiência de abrir a comunidade a mídias tradicionais, houveram retornos negativos, como no exemplo citado por um dos entrevistados em que um grande veículo de comunicação creditou o nome do instituto errado. Por essas razões, foi tomado cuidado para passar da forma mais prudente possível a imagem da comunidade.

Segundo o site da GEN – Global Ecovillage Network, uma ecovila, ou comunidade intencional, como tratada neste trabalho, deve preencher alguns pré-requisitos, como:

ser intencional; tradicional ou urbana; projetada por meio de processos participativos onde sejam respeitadas a sustentabilidade em suas quatro dimensões (social, econômica, ecológica e econômica); com intenção de regenerar ambientes sociais e naturais. (GEN, 2017, tradução nossa).

Embora a ideia da junção desorganizada de hippies desenhada no nosso imaginário seja ultrapassada pelos requisitos para que uma comunidade seja considerada uma ecovila ou uma comunidade intencional, tal preconceito ainda perdura. Porém, as comunidades se mostram muito bem estruturadas, com ideais de respeito à natureza e ao ser humano, com ações que buscam impactar positivamente a região que

habitam, não só ecologicamente, como socialmente, incentivando produtores, minorias (povos indígenas), entre outros, a se organizarem e, assim, se fortalecerem através da venda de seus produtos e da educação ambiental e cooperativa.

Sendo assim, muitas dessas comunidades oferecem cursos de permacultura, construção ecológica, cultivo orgânico, educação ambiental e variados outros tópicos relacionados com o respeito à natureza, a construção de um futuro mais sustentável com formas de crescimento menos predatório, bem como a mudança para uma sociedade mais saudável.

Segundo Acosta (2018, p. 129), as comunidades intencionais podem ser o começo de uma mudança a nível universal, posto que

a economia deve submeter-se à ecologia. Por uma razão muito simples: a Natureza estabelece os limites e os alcances da sustentabilidade e a capacidade de renovação que possuem os sistemas para auto renovar-se. Disso dependem as atividades produtivas. Ou seja: se se destrói a Natureza, destroem-se as bases da própria economia.

3.1. INSTITUTO ARCA VERDE

O Instituto Arca Verde é situado na região rural do município de São Francisco de Paula, cidade a cerca de 120 km da capital gaúcha Porto Alegre. É uma área de mata nativa de araucárias, com um lago artificial (antes da ocupação da comunidade, o local era um “pesque e pague”). Anteriormente, o Instituto era situado na região de São José dos Ausentes, onde ficou de novembro de 2005 até 2009, quando os membros resolveram optar por uma região com clima mais ameno, com um inverno não tão rigoroso, indo assim para o interior de São Francisco de Paula.

Atualmente, o Instituto Arca Verde conta com algo em torno de 20 moradores adultos, 5 crianças e visitantes voluntários que vêm e vão de acordo com calendários de cursos, voluntariado e vivências.

Muito embora o senso comum às vezes confunda comunidades intencionais com comunidades religiosas, o Instituto não segue nenhuma linha religiosa ou culto, mesmo mantendo livre a expressão religiosa e espiritual.

A espiritualidade é bastante valorizada e respeitada em nossa comunidade, e é expressa coletivamente em várias sutilezas de nossa rotina, compondo os ritos de nossa vida comunitária. Buscamos celebrar os ciclos naturais e honrar a sabedoria e generosidade de Deus manifestas na Natureza. Buscamos fortalecer nossa intuição e nos tornar mais atentos às camadas mais sutis da existência, exercitando a compreensão holística de nosso meio e de nossas ações. A Arca

é um espaço para práticas espirituais coletivas, sociais, artísticas e festivas. Cada membro tem também liberdade plena para seguir seu caminho espiritual pessoal, com o respeito de todos. (INSTITUTO ARCA VERDE, 2014).

No que tange os associados moradores do Instituto, estes pagam uma quantia em dinheiro para se tornar sócios. Isso lhes garante direitos específicos, como o do voto nas reuniões comunais. Tal prática procura dar preferência aos moradores sobre a vida na comunidade, levando-se em consideração que muitos dos presentes são visitantes voluntários que estão lá apenas para uma temporada de aprendizagem.

Já o cotidiano da comunidade, em época sem cursos e vivências, é dividido em rotinas comuns e individuais. O café da manhã é preparado por um dos moradores (cada dia, um é designado) e servido na cozinha comum, onde todos comparecem (porém quando não estão dispostos, não são obrigados). Após o café, os moradores seguem para o trabalho em prol da comunidade durante toda a parte da manhã. Os trabalhos são de reparo e manutenção, agrícola, braçal ou cuidar das crianças que não estão em período letivo ou permanecem na comunidade por algum motivo. Todos os moradores, em algum ponto, exercem todas as atividades (dentro de suas capacidades), pois há um círculo de tarefas de forma a distribuir igualmente as tarefas comunitárias entre os moradores. A parte da tarde é reservada para si, ou seja, para projetos pessoais, descansar, passear, seja o que for que o morador quiser. Como um dos moradores falou, “a arca é um espaço propício para a experimentação”, proporcionando assim essa possibilidade.

Quanto à arrecadação do Instituto, esta vem por meio da oferta de cursos, visitas guiadas (com direito a almoço e café da manhã), estadia, vivências e voluntariado, bem como da venda dos produtos cultivados pela Arca Verde em feiras na região.

No que diz respeito à sustentabilidade e autossuficiência, ouvimos, nas palavras de um dos sócios-fundadores, que a intenção da Arca Verde nunca foi a de ser 100% autossuficiente, pois a relação com o resto da sociedade é necessária e benéfica, já que a grande maioria das necessidades básicas para o funcionamento pleno do Instituto (internet, eletricidade, ferramentas, etc.) vêm de fora. A intenção é ser sustentável.

4. RELATÓRIO DE PRODUÇÃO EXPERIMENTAL

Nesta seção, será relatado como foram os processos de produção do documentário, a pré-produção, produção e pós-produção, bem como as dificuldades encontradas e como foram contornadas.

4.1. PRÉ-PRODUÇÃO

Durante os dois semestres de pesquisas, foram feitas buscas pelos termos “comunidades intencionais” e “ecovilas” em repositórios de vídeos (principalmente YouTube) com a intenção de achar documentários expositivos a respeito. No âmbito nacional, é muito comum encontrarmos produtos que tenham sido feitos de forma espontânea, sem muita produção e preocupação técnica, como é exemplo do “Documentário Eco Vila Dom José”² (UNIPERMACULTURA, 2016). Já se tratando de produções internacionais, há aquelas feitas por produtoras (independentes ou não), as quais demonstram preocupação técnica e teórica, como é o caso do premiado documentário “Uma Maneira Mais Simples” da Happen Films (2016).

Ainda durante a pesquisa, foi notado um grande número de trabalhos acadêmicos tratando do tema em questão, principalmente nos campos das ciências agrárias e rurais, referindo-se ao aspecto ecológico e arquitetônico. Porém, trabalhos na área da comunicação, principalmente experimentais audiovisuais, foram achados muito poucos. As produções encontradas no site YouTube basicamente se dividem em matérias jornalísticas, financiamento coletivo e autônomas (feitas pelos próprios moradores). Destacam-se três trabalhos de conclusão de curso na área da comunicação, que são o documentário “Sete Pétalas” (PAULA et al., 2017), produzido por alunos da Universidade Municipal de São Caetano do Sul; o “Ecovilas: (re)construção de ideais” (ZANOVELI; MATOS; CARIAS, 2016), da PUC – Campinas; e o “Cultivando a Sustentabilidade – Um Olhar sobre a Ecovila El Nagual” (BOECHAT, 2016), produzido por um aluno da Universidade Presbiteriana Mackenzie — todos para o curso de jornalismo.

Entretanto, no que diz respeito ainda a trabalhos acadêmicos, cabe ressaltar um documentário sobre permacultura em ecovilas produzido para a conclusão do curso de

² Embora tenha "documentário" no nome, não será classificado como tal, pois não configura os requisitos necessários, e nem há indicação de autoria.

Comunicação Social da Universidade de Brasília chamado “ZONA ZERO | Um documentário sobre a Permacultura como ferramenta de transformação social” (CANTARELLI; MORAIS, 2019), porém não trata de aspectos relacionados à comunidade e nem se aprofunda nas relações com a sociedade externa, trazendo apenas aspectos referentes a permacultura e sustentabilidade.

Já se tratando de produções internacionais, faz-se relevante a produtora neozelandesa Happen Films, que trabalha em seus filmes basicamente com o tema da sustentabilidade e tem financiamento colaborativo (HAPPEN FILMS, 2020). Em ambos os casos, não há presença relevante de material desse tipo em nenhum grande veículo de comunicação, porém conta-se com algumas aparições esporádicas em canais de televisão abertos como RedeTV!, Band e emissoras menores e o canal a cabo Futura. Como o cuidado e a regeneração do meio ambiente são preocupações que cada vez mais estão produzindo engajamento e atraindo o olhar curioso da sociedade, principalmente às alternativas menos convencionais de busca por uma maior harmonia entre o ser humano e a natureza, é notável a presença de produções que tratam deste tema, principalmente na internet, o canal de informação e comunicação mais democrático e acessível que existe.

Muito embora seja possível encontrar materiais como os supracitados, durante a pesquisa para este trabalho, foi verificado que o entendimento de o que é uma “comunidade intencional” ainda é muito pouco divulgado e documentado de uma forma que não seja comercial demais (que passe uma ideia deturpada do que seriam as comunidades) ou amadora demais (por exemplo, gravado com um celular sem nenhum requisito de qualidade e preocupação técnica). Sendo assim, foi feita uma tentativa de documentar um olhar mais conciso e técnico em relação às comunidades, buscando profundidade e trazendo à tona os sentimentos e anseios dos que optaram por um estilo de vida mais sustentável e ainda pouco entendido aos olhos da sociedade.

Por consequência, durante a busca por referências estéticas e argumentativas, foi encontrado um documentário expositivo português sobre minimalismo, em que o tema não se faz tão relevante para esse trabalho quanto o formato e a linguagem, mas ao mesmo tempo tem alguma ligação com o objeto das comunidades intencionais. A ideia inicial era escrever o roteiro usando como referência estética o documentário “Vida Sóbria”, de Simão Oliveira (2019), um documentário do estilo participativo que, segundo Nichols (2005), é aquele em que o diretor faz também o papel de ator, aparecendo e interagindo com o objeto, porém de forma expositiva (usando “A Voz de Deus” com

explicações acerca do objeto), onde o roteiro daria mais ênfase à voz em off, com mais cenas de cobertura e transições, contudo não foi possível realizar desta forma devido a motivos de força maior.

4.2. GRAVAÇÃO E EQUIPAMENTOS

Dancyger (2003) fala que o processo de produzir um documentário é diferente da relação entre amigos, pois o diretor chega com vantagens e esperando obter acesso à vida de outra pessoa. A exploração da vida de outra pessoa é necessária, caso contrário não haveria documentário. Portanto, o diretor tem a obrigação de dar, e não apenas receber, e ser sensível e assertivo no sentido positivo.

Sendo assim, o planejamento da gravação das entrevistas levou em consideração que fossem realizadas da forma mais simples possível, usando apenas iluminação natural, com a ideia de criar uma ambientação que fizesse referência a uma estética sustentável, sem o uso de nenhum outro apetrecho técnico que pudesse interferir nesta ideia. Ainda no que diz respeito à iluminação, Dancyger expõe uma diferença entre documentário e ficção, onde ele argumenta que, no documentário,

Não há atores, apenas temas que os realizadores perseguem. O posicionamento da câmera tende a ser um caso de conveniência mais do que de intenção e a iluminação é definida para ser o menos intrusa possível. (2003, p. 315).

Portanto, foi feita uma aproximação dos entrevistados para que as entrevistas fossem realizadas de forma mais natural possível, com visitas às suas casas, passeio pelo instituto, conversas e, inclusive, almoçando todos os dias em comunidade.

As gravações foram então realizadas no Instituto Arca Verde, no município de São Francisco de Paula, durante os dias 22 e 25 de janeiro de 2020. Foram 9 moradores entrevistados nesses 4 dias, com uma duração média de 37 min por entrevista, com um total de material bruto (apenas de entrevista) de 5h34min.

O material foi gravado em 4k para ter a possibilidade de usar corte invisível³ como opção, e 23.97 fps (quadros por segundo). A câmera utilizada foi uma Panasonic GH4,

³ *Invisible cut* — uma forma de corte de imagem na edição onde o corte fica escondido no decorrer da cena, trazendo uma sensação de continuidade. É usado comumente em falsos planos sequências, onde é necessário esconder o corte.

com um kit com 3 lentes: Lumix 12-35mm F2.8, Canon FD SSC 55mm 1.2 e Canon FD 35mm F3.5 (esta sendo usada nas entrevistas).

Tendo em vista a evidente necessidade de simplificar o processo de captação para adaptá-lo às limitações da equipe, foi decidido que o áudio seria captado diretamente na câmera e monitorado via fone de ouvido. Enquanto as entrevistas usaram um microfone de lapela Sony ECM-V1BMP condensador, com transmissor e receptor Sony UWP-D16, as imagens de apoio usaram captação via microfone direcional Rode VideoMic GO.

4.3. ROTEIRO

Originalmente, o roteiro foi concebido de forma que valorizasse mais o meio ambiente, o trabalho comunitário e os moradores. Foram três dias na locação acompanhando parte da rotina dos entrevistados, em duas viagens: a primeira para as entrevistas e a segunda para coletar imagens dos moradores em suas atividades diárias rotineiras, pois assim já estariam mais acostumados a uma câmera os seguindo. Porém, devido à pandemia da COVID-19 e às recomendações sanitárias a respeito, a segunda viagem foi impossibilitada. Inclusive, o próprio Instituto fechou a entrada de não residentes em detrimento das medidas de saúde.

A fim de resolver a evidente necessidade de adaptação do roteiro devido à falta de imagens de cobertura, a narração e o áudio em off precisaram ser cortados, e apenas as entrevistas foram mantidas. Algumas imagens captadas entre o intervalo das entrevistas serviram para a estruturação da abertura e do final, mas sem prejuízo de informações, pois, como explica Penafria (1999, p. 23),

[...] ao contrário do que habitualmente se vê na televisão, não é obrigatório que um texto em off faça parte de um documentário. Na reportagem, essa obrigatoriedade deriva da necessidade de se explicarem ou descreverem as imagens que se veem. Pelo contrário, no documentário a imagem não é utilizada com fins meramente ilustrativos ou para confirmação do que é dito; a exploração do seu lado conotativo é o que de mais importante o documentário imprime nas imagens que utiliza. São elas o elemento essencial do documentário e que se sobrepõem ao que possa ser dito.

Para a construção da narrativa, o roteiro das entrevistas trabalhou com dois tópicos principais (*vida pessoal e vida em comunidade*) divididos em blocos de diferentes perguntas com direcionamento a diversos setores que foram julgados relevantes de

acordo com prévia pesquisa. Os setores trabalhados no tópico *vida pessoal* foram escolhidos com o intuito de traçar um panorama que desenhasse uma linha narrativa onde conseguíssemos enxergar claramente a diferença entre a vida pré-comunidade e a vida em comunidade. O tópico *vida em comunidade*, por sua vez, trouxe a percepção do morador em relação a si próprio e ao todo, não só como parte da comunidade, mas também como parte da sociedade em geral, seu papel nelas e aquilo que julga ser seus deveres, já que a comunidade não se desvincula da sociedade. Esses setores incluem as formas como o morador se relaciona com a sociedade e o que há de palpável nessa troca, bem como seu lugar dentro de um movimento de ressignificação dos conceitos de habitação, trabalho e convivência.

Ainda cabe ressaltar que todos os conceitos abordados no documentário (permacultura, comunidade intencional, ecovila, entre outros) ficaram a cargo dos entrevistados definirem.

4.3.1. Concepção e abordagem

Foi feita uma pesquisa do tema com o intuito de colher dados e informações sobre a forma como se organizam as comunidades intencionais. Uma pesquisa sobre documentários, filmes e vídeos a respeito também foi feita. Durante essas buscas, foi encontrado o documentário “Vida Sóbria” (OLIVEIRA, 2019) que foi a inspiração narrativa e estética.

Contudo, além de abordar também aspectos pessoais da vida de cada entrevistado, a ideia de comunidade e sociedade também deveria transparecer. Sendo assim, as entrevistas trouxeram também esses tópicos.

4.3.2. Descrição do objeto

Foram entrevistados nove moradores da comunidade Instituto Arca Verde sobre seu dia-a-dia e algumas questões pessoais.

Então, durante os três dias no Instituto, os moradores e suas rotinas foram acompanhados numa tentativa de aproximação feita de forma gradual com o intuito de que a presença das câmeras não fosse motivo de desconforto e mudanças de hábitos por parte dos moradores. Por parte da equipe, foram mantidas atitudes que gerassem um comportamento não invasivo.

4.3.3. Estratégia de abordagem

As entrevistas foram previamente agendadas com os moradores, dando assim tempo para eles se organizarem, escolherem os locais de suas entrevistas e ter uma prévia preparação para falar em frente à câmera. Respeitamos seu tempo e sua rotina, na esperança de assim receber respostas e relatos sinceros e garantir que se sentissem confortáveis e seguros. Chegávamos após o café da manhã e lá passávamos o dia (inclusive, o almoço era feito na cozinha comunitária com grande parte dos moradores, onde podíamos conversar e ter uma relação cada vez mais próximas dos futuros entrevistados).

4.3.4. Estrutura

O documentário foi estruturado em abertura, quatro atos e o final. O Ato Um apresenta a ideia de comunidade, incluindo seus estereótipos no senso comum, e mostra alguns benefícios que a vida em comunidade trouxe aos entrevistados.

O Ato Dois traz a relação dos entrevistados com a comunicação e as mídias, bem como a importância da internet e os impactos dela na comunidade.

No Ato Três temos como as mídias foram importantes para os entrevistados tomarem conhecimento da existência de comunidades e da permacultura, definida por Mollison e Slay (1991, p. 8) da seguinte forma:

A Permacultura consiste na elaboração, implementação e manutenção de ecossistemas produtivos que mantenham a diversidade, a resistência e a estabilidade dos ecossistemas naturais promovendo energia, moradia e alimentação humana de forma harmoniosa com o ambiente.

A importância crucial da internet para o Instituto Arca Verde vem no Ato Quatro, mostrando como ela, além de uma importante ferramenta de comunicação, também serve como uma ferramenta de manutenção do Instituto.

4.4. ENTREVISTAS

As entrevistas buscaram explorar aspectos voltados à vida em comunidade e traçar paralelos com a vida que os moradores levavam antes de optarem por viver em

uma comunidade. Também são pontos importantes a comunicação, o consumo de informação e mídias sociais, o trabalho, a criação dos filhos, o contato com grupos de minorias e o convívio interno e externo à comunidade.

O acesso à internet mostrou-se de extrema importância, pois, unanimemente, foi relatado como a principal forma de contato com parentes e amigos fora da comunidade e também como uma forma de consumo de entretenimento e informação. Inclusive, uma das moradoras diz que começou a usar mais a internet quando se mudou para o Instituto para se comunicar com a família.

Quanto às mídias sociais, os entrevistados foram enfáticos em demonstrar o quão importante para a criação e manutenção das comunidades e ecovilas elas são. Uma das entrevistadas relatou que decidiu morar na comunidade após ter ido a um evento no Instituto que viu no Facebook. Segundo os moradores, as redes sociais são uma importante ferramenta de divulgação de eventos, cursos e produtos, bem como uma forma de terem seu trabalho reconhecido fora da comunidade de uma forma mais abrangente.

Outro ponto interessante abordado foi a relação com a sociedade externa, onde nota-se que é importante para os moradores transmitir seriedade e responsabilidade em relação às suas escolhas de estilo de vida, e que há organização, estratégia e determinação em suas ações.

Alguns dos relatos contêm a angústia com que os entrevistados testemunham o meio ambiente sendo devastado e explorado inescrupulosamente e a impotência que sentem, sendo esse sentimento uma das forças motrizes que levaram a buscar um novo estilo de vida.

Em relação às entrevistas, foram um total de nove. Oito delas foram previamente marcadas, e uma pessoa se interessou por esse estudo e se mostrou disponível para entrevistas após conversar com a professora Veneza, orientadora do projeto. A equipe decidiu realizar a entrevista e, na impossibilidade de gerar mais um termo de autorização do uso de imagem, o entrevistado em questão deixou sua autorização gravada em vídeo.

Ainda quanto às entrevistas, elas foram gravadas em locais de escolha dos entrevistados, sendo dadas orientações apenas em relação à fotografia. Como algumas entrevistas foram feitas em ambientes internos com baixa iluminação ou contraluz superexposta, algumas compensações foram feitas na pós-edição e na correção de cor.

4.5. DECUPAGEM, MONTAGEM E EDIÇÃO

A decupagem do material ocorreu no mês de fevereiro de 2020, após definirmos os tópicos de maior relevância para a construção do produto final. Praticamente o mês todo foi dedicado apenas à decupagem, pois foi um total de 6h08min de material bruto entre entrevistas e imagens de cobertura. Foram utilizadas 62h para o processo de decupagem e montagem, sem contar o tempo de *render*.

A edição foi feita usando o pacote Adobe CC 2018. O áudio foi editado no Adobe Audition, e o vídeo, no Premiere Pro. A cor foi trabalhada no DaVinci Resolve, como veremos no próximo tópico.

Durante a montagem e a edição, foi notada a dificuldade em fazer as transições e respiros sem imagens de coberturas suficientes. Uma forma de contornar esse problema foi criar transições com o efeito de vídeo “dissolução cruzada”, dando em uma tela preta, e com efeito de áudio “ganho constante”, entrando o som de pingos de uma pancada de chuva caindo em folhagens captado durante as gravações. Este subterfúgio foi usado em todas as transições necessárias, com o intuito de fortalecer a ideia de meio ambiente e natureza que se faz presente na temática do documentário.

4.6. TRILHA SONORA E SOM AMBIENTE

Assim como o som, o silêncio, usado na hora e local correto também pode trazer consigo uma carga de significados. Em virtude da já comentada falta de imagens de transição, em alguns momentos o silêncio foi usado para dar respiro e quebrar o ritmo das entrevistas, bem como para introduzir um tópico novo. No entanto, o som ambiente da chuva que foi captado também foi usado como transição, pois, além de ajudar a preencher o vazio, facilita a assimilação não-visual do tema de natureza. Usando o artifício do som ambiente e do silêncio, em conjunto com uma imagem escura, foi feita uma tentativa de criar transições que não destoassem do tema em questão, bem como cumprissem seu papel na construção da narrativa.

Já no que diz respeito à trilha sonora, estas foram pensadas de forma a passarem uma mensagem quase que literal do tema abordado. A abertura usa a música “Johnny’s Garden” do álbum Manassas, de 1972, do cantor e compositor estadunidense Stephen Stills. É uma música inspirada em uma casa anteriormente pertencente a John Lennon

que Stills comprou, porém precisou vender anos depois devido aos altos impostos da propriedade. A letra original segue:

There's a place I can get to
Where I'm safe from the city blues
And it's green and it's quiet
Only trouble was I had to buy it

And I'll do anything I got to do
Cut my hair and shine my shoes
And keep on singin' the blues
If I can stay here, in Johnny's garden

As the swift bird flies over the grasses
Dipping now and then to take his breakfast
Thus I come and go and I travel
But I can watch that bird and unravel

And I'll do anything I got to do
Cut my hair and shine my shoes
And keep on singin' the blues
If I can stay here, in Johnny's garden

With his love and his carin'
He puts his life into beauty sharing
And his children are his flowers
And they give me peace in quiet hours

And I'll do anything I got to do
Cut my hair and shine my shoes
And keep on singin' the blues
If I can stay here, in Johnny's garden (STILLS, 1972)

A trilha final, inicialmente, seria “The Great Song of Indifference” por Bob Geldof (1990), que traria uma ideia de contraponto a tudo que foi dito e mostrado durante o documentário, porém alguns trechos da letra fizeram repensar seu uso. A música escolhida para fechar foi “Catch the Wind” do cantor e compositor escocês Donovan, que foi lançada no disco “What's Bin Did and What's Bin Hid” de 1965. A letra é inspirada no poema do poeta britânico do século XVI Thomas Wyatt chamado “Whoso List to Hunt, I Know where is an Hind” (2020), em que o poeta fala de um amor não correspondido e compara suas investidas para conquistar sua amada a uma caçada mal sucedida, em que a presa parece mansa, porém é selvagem demais para agarrar. Se diz muito cansado para investir, pois as tentativas de conquistar seu amor o cansaram muito, e então ele tenta entender o porquê de não conseguir sucesso em sua empreitada usando as palavras “I seek to hold the wind” (*Eu busco segurar o vento*, em tradução nossa), que significa a procura por entender algo.

Já na letra de “Catch the Wind”, Donovan canta que

Quando o pôr do sol empalidece o céu
 Eu quero me esconder um pouco atrás do seu sorriso
 E em todo lugar que eu olhava, seus olhos eu encontrava
 [...]
 Quando a chuva dobra as folhas com lágrimas
 Quero você por perto, para matar meus medos
 Para me ajudar a deixar toda a minha tristeza para trás
 Ah, mas eu também posso tentar pegar o vento (1965, tradução nossa)

Como uma letra de música possui várias interpretações, podemos assumir que uma possível seria que a vida em comunidade ao ar livre traz um certo conforto e segurança em relação à sociedade externa, mesmo havendo muitas mudanças a serem feitas, assuntos a serem debatidos e problemas a serem resolvidos. A letra completa da música segue abaixo:

In the chilly hours and minutes of uncertainty
 I want to be in the warm heart of your loving mind
 To feel you all around me
 And to take your hand along the sand
 Ah, but I may as well try and catch the wind

When sundown pales the sky
 I want to hide a while behind your smile
 And everywhere I'd look, your eyes I'd find
 For me to love you now, would be the sweetest thing
 T'would make me sing
 Ah, but I may as well try and catch the wind

When rain has hung the leaves with tears
 I want you near, to kill my fears
 To help me to leave all my blues behind
 Standing in your heart is where I want to be
 And I long to be
 Ah, but I may as well try and catch the wind
 Ah, but I may as well try and catch the wind

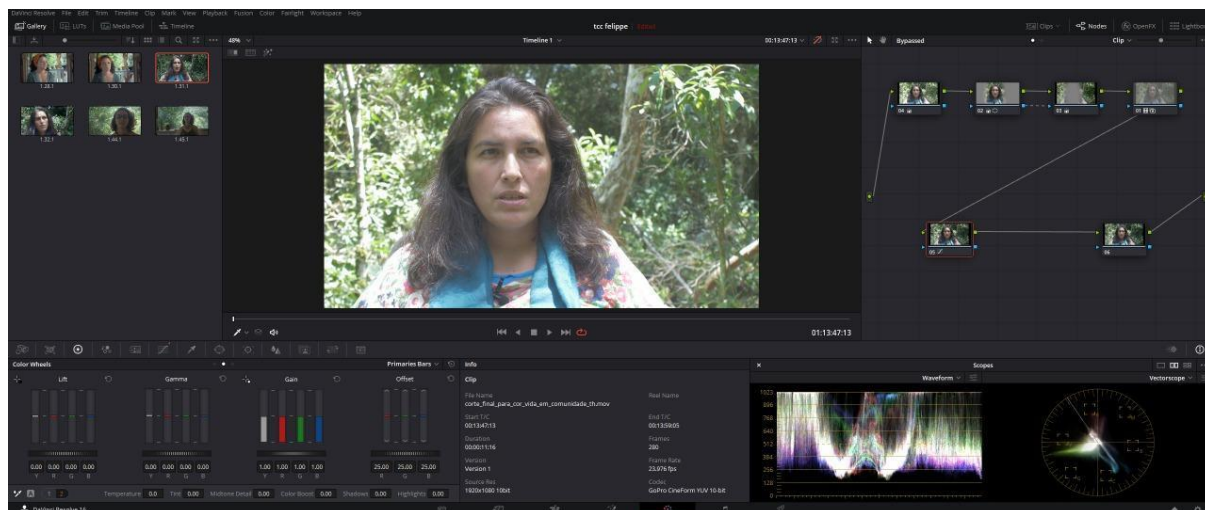
4.7. CORREÇÃO DE COR

A correção de cor foi a etapa final e foi realizada no DaVinci Resolve, um programa dedicado a edição de vídeo e correção de cor.

Para a correção de cor e ajustes foi utilizado o sistema de *nodes*, que são basicamente como camadas de efeitos que afetam apenas a camada diretamente abaixo, ao invés de todas. Foram utilizados seis *nodes* padrão para os ajustes das

entrevistas. Na Figura 1 podemos ver um exemplo com todos os *nodes* desativados, estando a imagem como foi gravada direto da câmera:

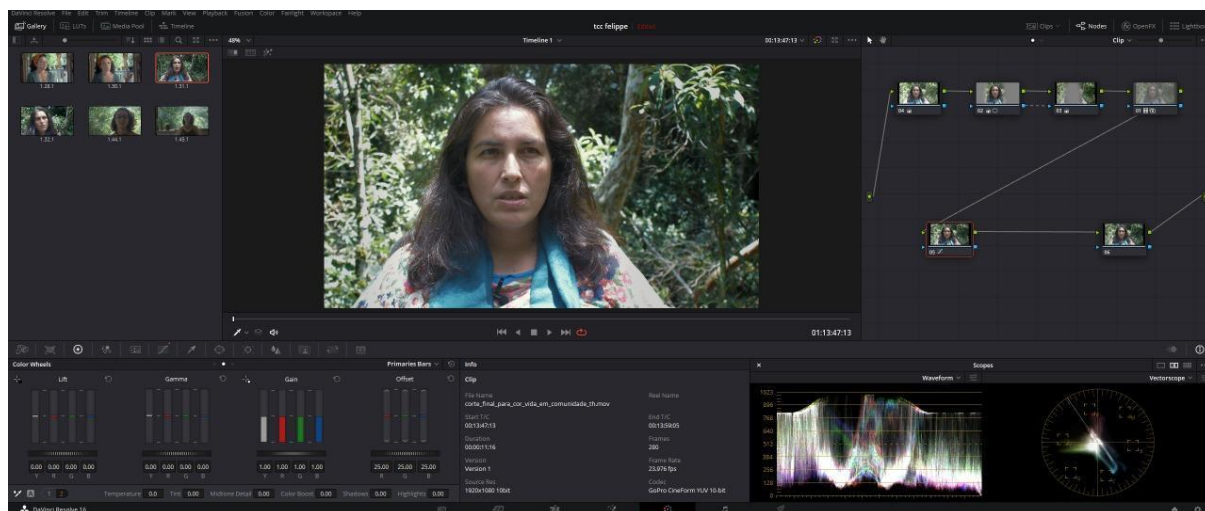
Figura 1 — Exemplo de imagem com *nodes* desativados



Fonte: Autores.

Na Figura 2 vemos o mesmo frame, porém com os *nodes regular lift* (sombrias), *gamma* (meios tons) e *gain* (realces). O *regular lift* é usado normalmente para recuperar informações de sombras e realces.

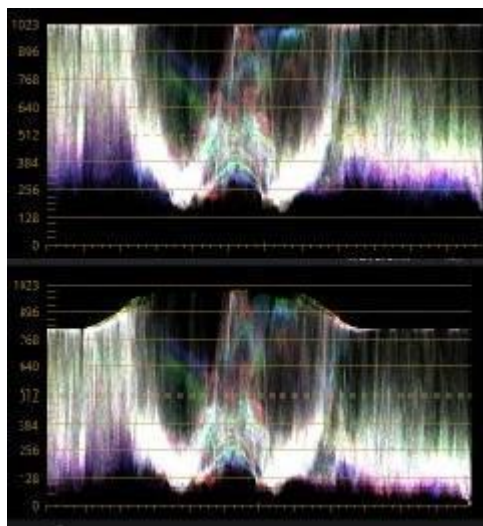
Figura 2 — Exemplo de imagem com os *nodes regular lift*, *gamma* e *gain* ativados



Fonte: Autores.

O efeito pode ser notado nitidamente na comparação das *waveforms* (Figura 3), onde nota-se que os valores na imagem bruta estavam acima de 1023, o que indica perda de informação devido à superexposição da imagem.

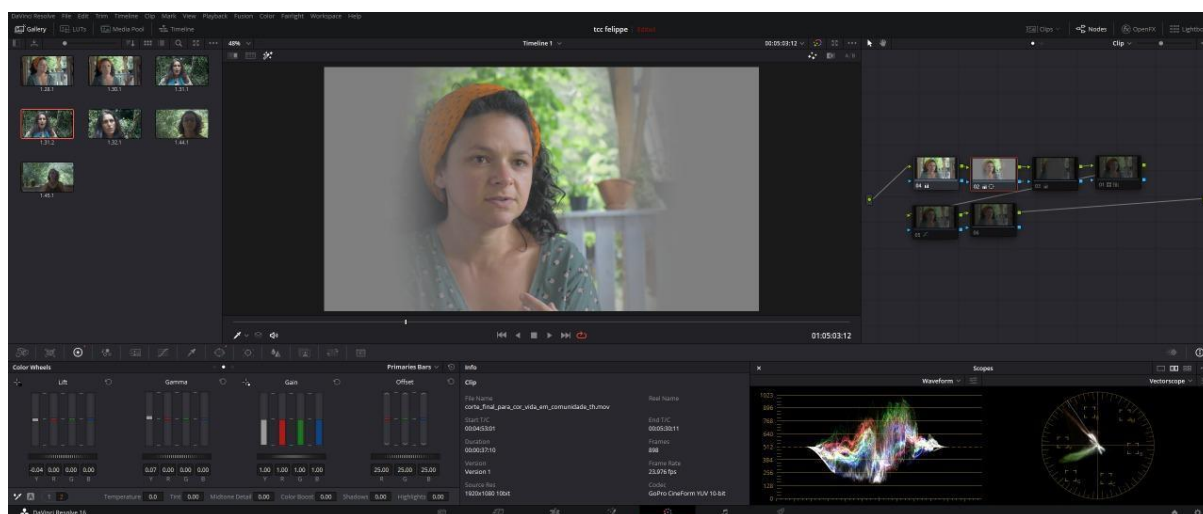
Figura 3 — *Waveforms* das imagens bruta (em cima) e com o *node regular lift* (embaixo)



Fonte: Autores.

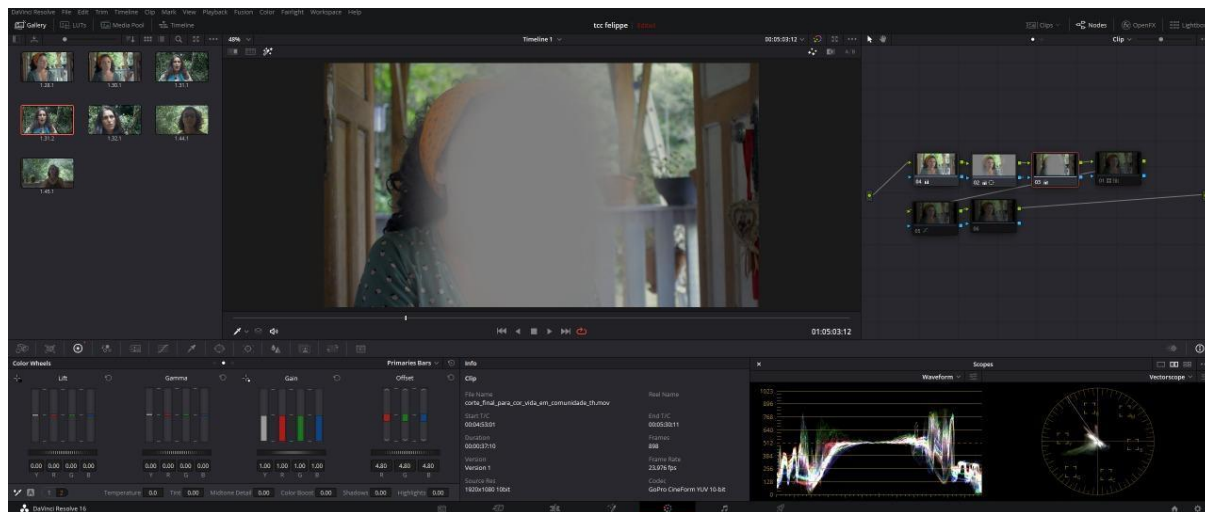
No *node* 02 e 03 é aplicado uma máscara de recorte para destacar o entrevistado do fundo, expondo o entrevistado e escurecendo levemente o fundo, com o intuito de manter a atenção focada na pessoa. Na Figura 4 podemos ver a máscara de fundo, e na Figura 5 o inverso dela, ou seja, a máscara no rosto do entrevistado.

Figura 4 — Máscara de fundo



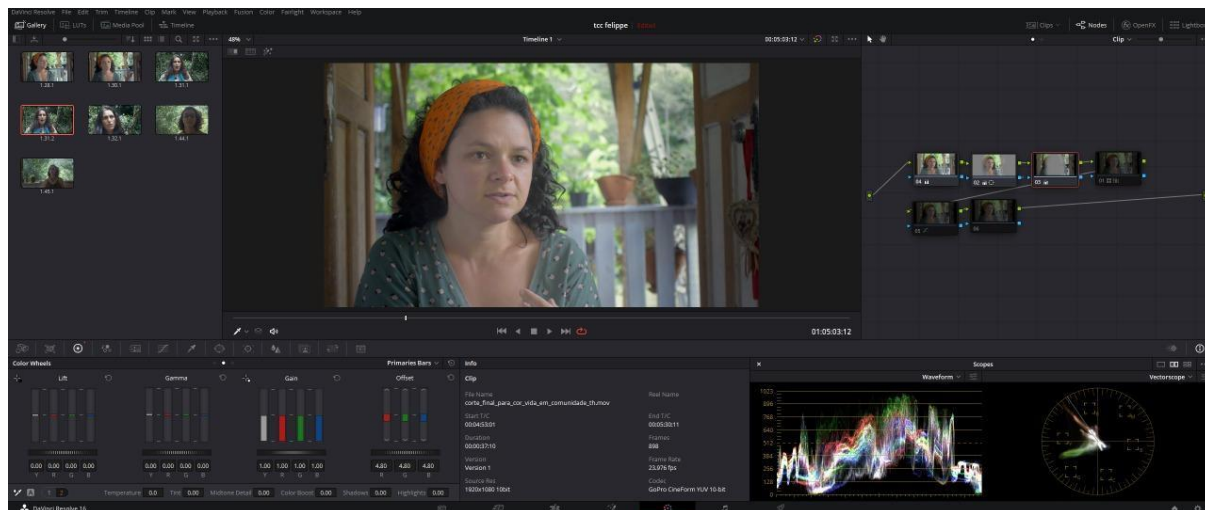
Fonte: Autores.

Figura 5 — Máscara no rosto do entrevistado



Fonte: Autores.

Nas Figuras 6 e 7 podemos ver então o resultado dos *nodes* 02 e 03 aplicados na imagem. Outro fator de importância é sempre cuidar a *waveform* para que nenhuma informação seja perdida, respeitando sempre os parâmetros de exposição, tanto para mais, quanto para menos.

Figura 6 — Imagem com *nodes* 02 e 03 aplicados A

Fonte: Autores.

Figura 7 — Imagem com *nodes* 02 e 03 aplicados B



Fonte: Autores.

No *node* 04 foi aplicado um LUT⁴, que converte o valor de uma cor para ser aplicado a outra cor, gerando assim uma troca de cores e parâmetros, no esquema de cor *teal and orange*, o qual puxa a pele para o amarelo e as sombras para o azul, com a intenção de destacar ainda mais o entrevistado, sendo amarelo e verde cores análogas. É o LUT padrão para todas as cenas, com uma opacidade de 37%, sendo considerado suave. Podemos ver o *node* 04 aplicado na Figura 8.

⁴ Sigla para *look up table*.

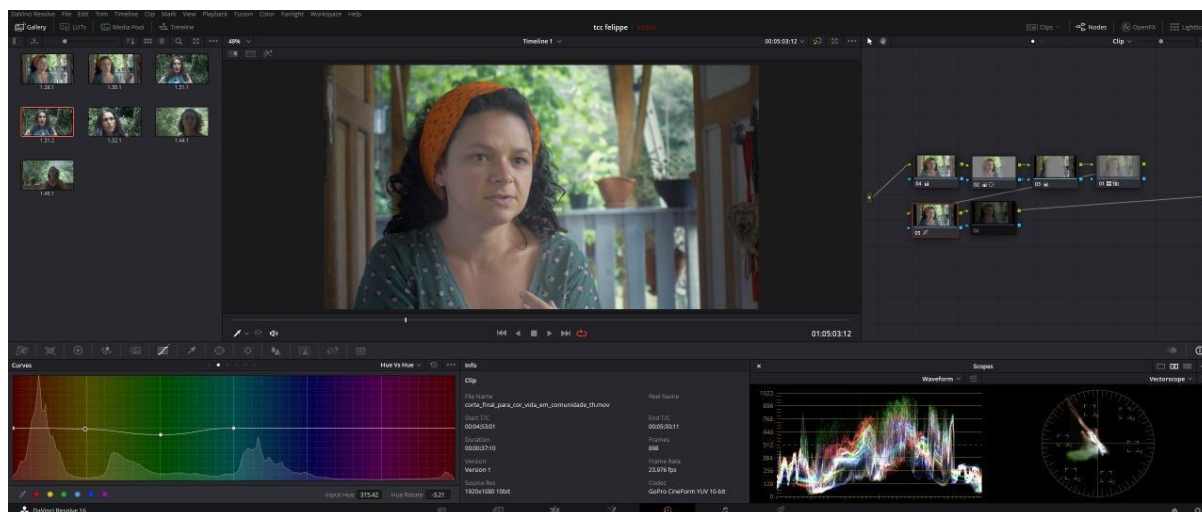
Figura 8 — Imagem com (em cima) e sem (embaixo) o *node* 04 aplicado



Fonte: Autores.

O *node* 05 foi definido para fazer a correção de cores individualmente, com ajuste fino. A câmera utilizada (Panasonic GH4) puxa a cor levemente para o amarelo, e isso acaba afetando as cores verdes da cena, por isso a correção neste espectro. Também no *node* 05 foi trabalhado o gráfico de HUE x HUE, referente à matiz, ou seja, a cor da superfície de determinado objeto levando em consideração a luz incidida sobre ele.

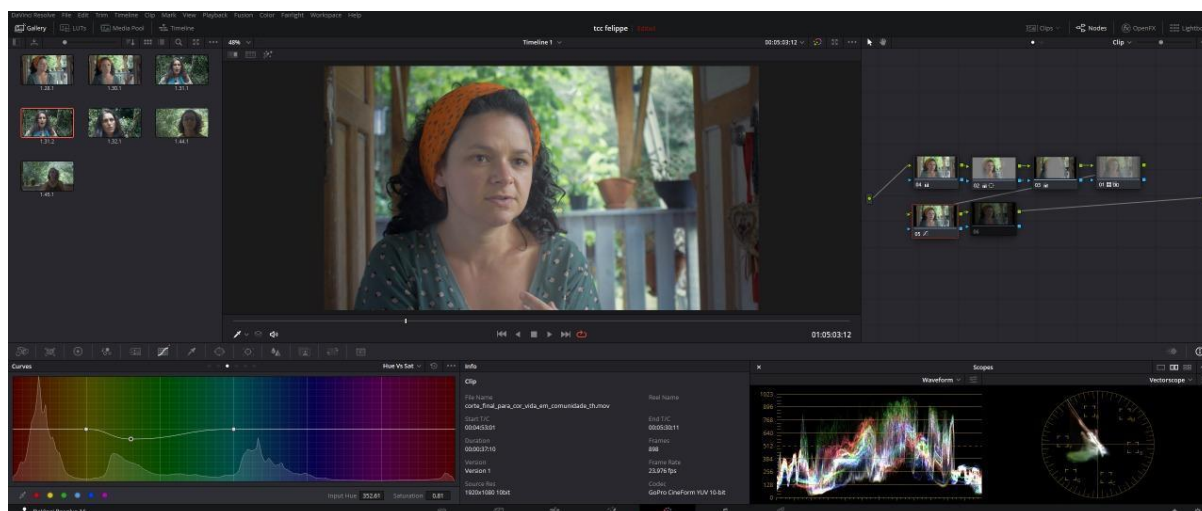
Figura 9 — Imagem com o *node 05* aplicado



Fonte: Autores.

Ainda no *node 05*, foi trabalhado o gráfico de HUE x SATURATION, suavizando os verdes, como mostra a Figura 10 a seguir. Isso ocorre alterando-se sua saturação, que é a característica da cor que diz respeito a sua “força” ou “pureza” (quanto mais quantidade de determinada cor, diz-se mais saturada).

Figura 10 — Imagem com saturação alterada



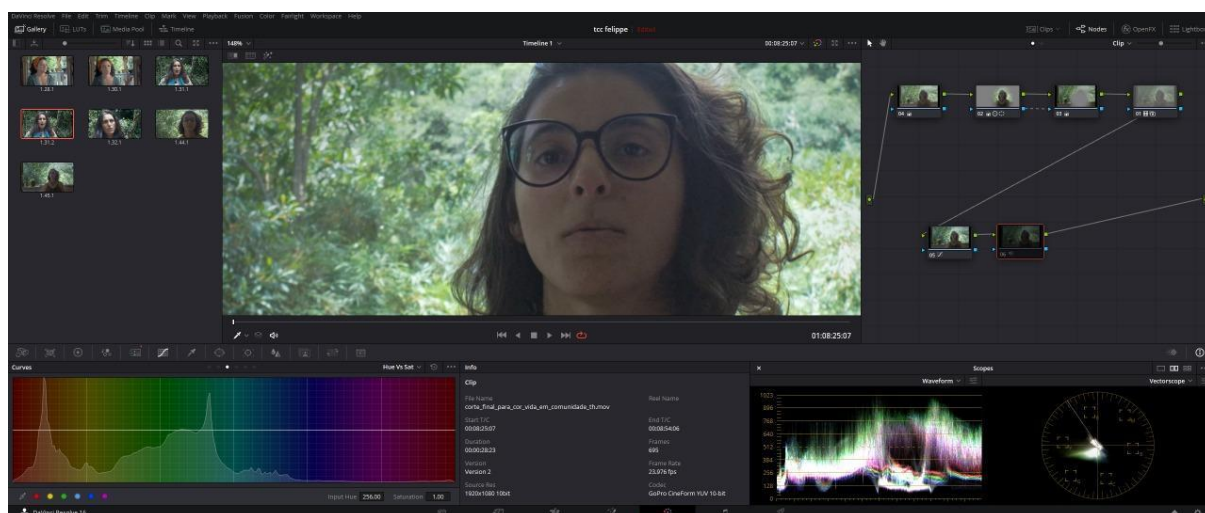
Fonte: Autores.

O *node 06* trabalha com a diminuição de ruído gerado pela compensação eletrônica do ISO. O ISO é a compensação de luminosidade eletrônica gerada pelo sensor da câmera. Quando o valor da compensação é muito alto, cria pequenos grãos na imagem, que aumentam de tamanho conforme o valor do ISO. Foi usado de forma

pontual somente nas cenas que necessitavam de sua aplicação. As Figuras 11 e 12 comparam a imagem antes e depois da aplicação do *node 06*.

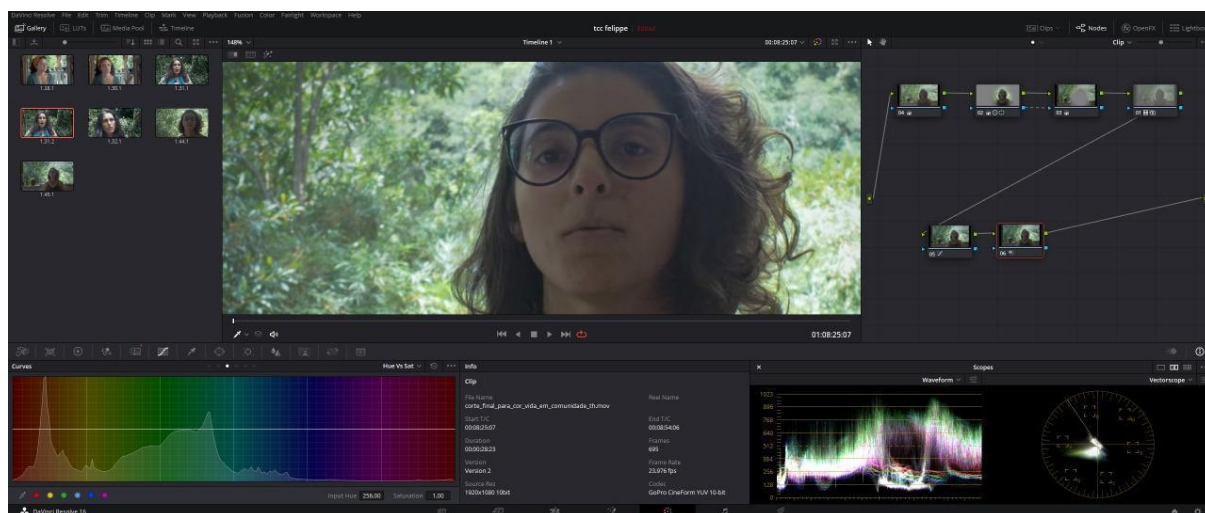
Abaixo, um exemplo comparando uma imagem antes da aplicação do *node 06* (Figura 11) e depois da aplicação do *node 06* (Figura 12).

Figura 11 — Imagem sem redução de ruído



Fonte: Autores.

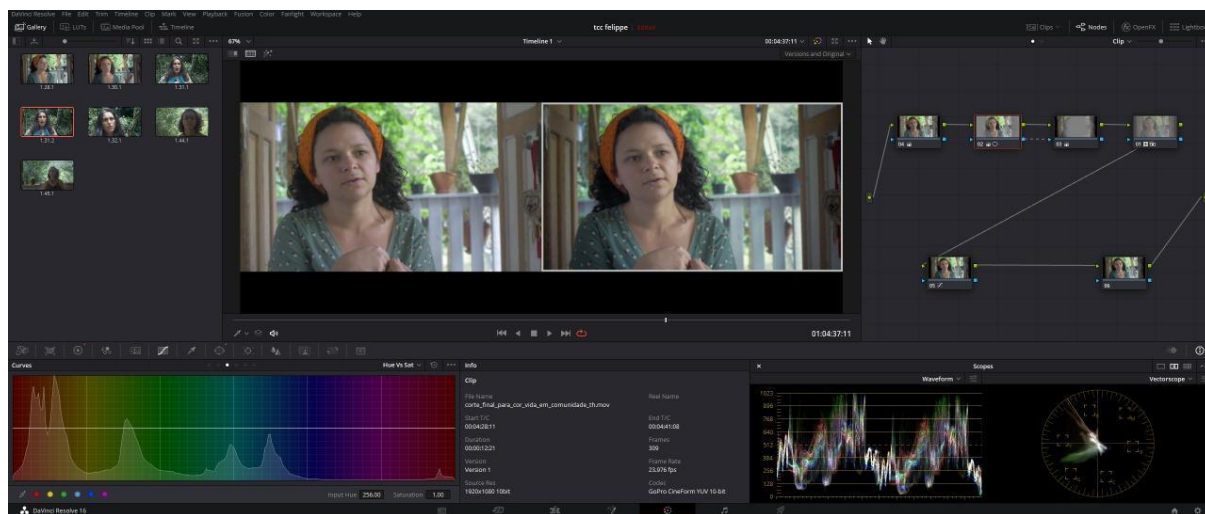
Figura 12 — Imagem com redução de ruído



Fonte: Autores.

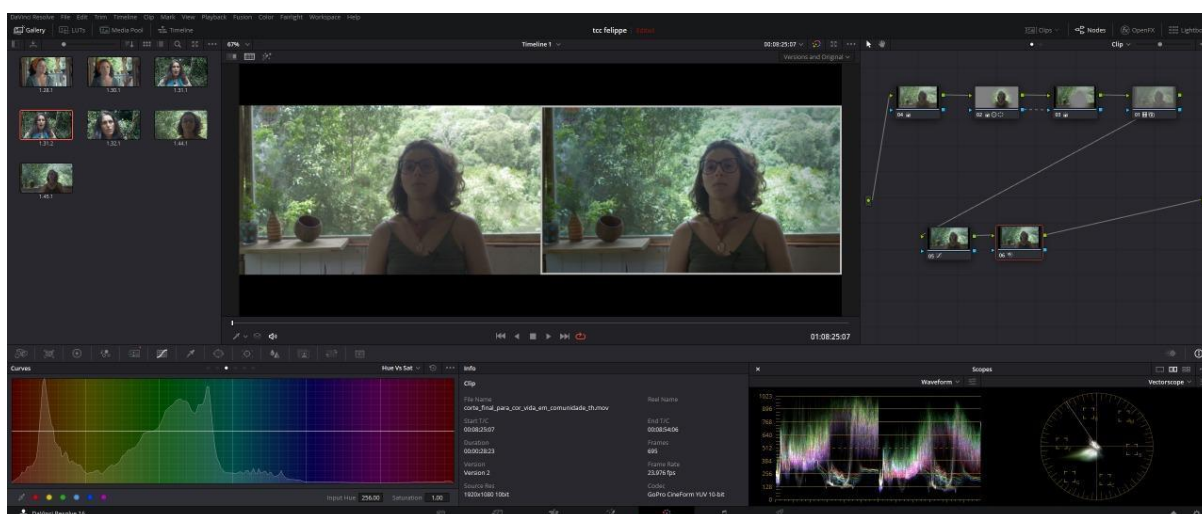
A seguir, a comparação entre a imagem bruta e a com todos os *nodes* necessários aplicados em três frames diferentes. É interessante notar a mudança na *waveform* após a aplicação dos tratamentos de correção de cor e afins.

Figura 13 — Comparação bruto x tratado A



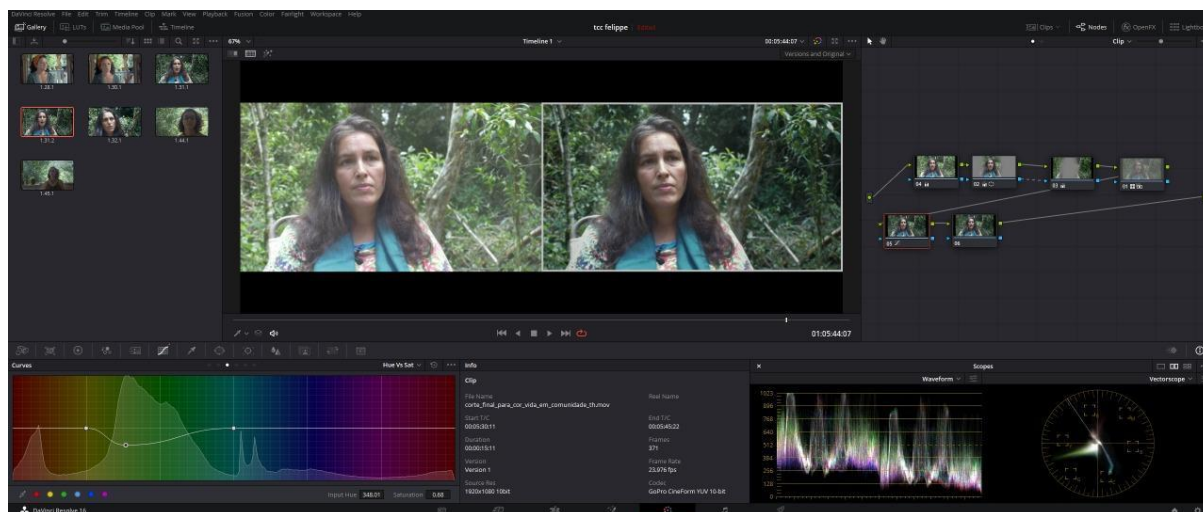
Fonte: Autores.

Figura 14 — Comparação bruto x tratado B



Fonte: Autores.

Figura 15 — Comparação bruto x tratado C



Fonte: Autores.

Alguns erros técnicos que passaram despercebidos durante a gravação puderam ser notados durante a parte de correção de cor e ajuste fino, como por exemplo alguns leves erros de exposição, alguns enquadramentos que geraram contraluz (o que ocorre quando a luminosidade do fundo se sobrepõe ao objeto principal da cena) e pequenos deslizes no foco devido à interferência da luminosidade na possibilidade de enxergar corretamente o *viewfinder* da câmera, impossibilitando assim a correta exposição (mesmo utilizando a representação gráfica da distribuição da luminosidade na cena, chamado de histograma) e, em alguns casos, impossibilitando o foco perfeito.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, esse trabalho espera ampliar os horizontes no que diz respeito aos esforços envolvendo comunidades intencionais, ecovilas e a temática ambiental como um todo, pois, mais do que nunca, vê-se uma urgência para cuidar e regenerar o meio ambiente, mudanças essas que se dão a partir da educação e da divulgação de ações e projetos como o executado.

Poder proporcionar visibilidade e participar da criação da memória das comunidades intencionais e ecovilas no Brasil é notoriamente gratificante, pois, por se tratar de uma temática com objetivos claros e palpáveis, onde a mudança se vê de forma prática e concisa, a importância deste trabalho se faz ainda mais relevante e atual.

Por fim, realizar um projeto experimental na área da comunicação sobre comunidades intencionais foi uma experiência muito valiosa e gratificante, para não falar apenas educadora. As dificuldades encontradas em produzir um documentário com a equipe de apenas uma pessoa foram de importante reflexão e aprendizagem, de modo a gerar inúmeras considerações a respeito da estruturação e execução do processo prático, trazendo assim um gigante aprendizado sobre as diversas etapas do processo de construção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

BOECHAT, Lucas. **Cultivando a Sustentabilidade** - Um Olhar sobre a Ecovila El Nagual, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UQ_8DRdDNIA>. Acesso em: 1 mar. 2020.

CANTARELLI, Gabriel; MORAIS, Danielle. **ZONA ZERO** | Um documentário sobre a Permacultura como ferramenta de transformação social, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iC5HmtNI1UE>>. Acesso em: 14 mar. 2020.

DANCYGER, Ken. **Técnicas de edição para cinema e vídeo**: história, teoria e prática. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

DONOVAN. **Catch the Wind**, 1965. Disponível em: <<https://genius.com/Donovan-catch-the-wind-lyrics>>. Acesso em: 1 mar. 2020.

GELDOF, Bob. **The Great Song of Indifference**, 1990. Disponível em: <<https://genius.com/Stephen-stills-johnnys-garden-lyrics>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

GEN – Global Ecovillage Network. **What is an Ecovillage** - Discover Innovative Eco Communities. [S.l.], 2017. Disponível em: <<https://ecovillage.org/projects/what-is-an-ecovillage/>>. Acesso em: 13 mar. 2020.

HAPPEN FILMS. **About us** | Happen Films, 2020. Disponível em: <<https://happenfilms.com/about/>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

HAPPEN FILMS. **Uma Maneira Mais Simples**: A Crise como Oportunidade, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XUwLAvfBCzw>>. Acesso em: 28 jun. 2020.

INSTITUTO ARCA VERDE. **Instituto Arca Verde**: A Arca, 2014. Disponível em: <<http://www.arcaverde.org/new/sobre-a-arca/>>. Acesso em: 2 maio 2020.

JESPERS, Jean-Jacques. **Jornalismo televisivo**: princípios e métodos. Coimbra: Minerva, 1998.

MOLLISON, Bill; SLAY, Reny Mia. **Introdução à permacultura**. Brasília: MA/SDR/PNFC, 1998.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Campinas: Papyrus Editora, 2005.

OLIVEIRA, Simão. **Vida Sóbria** - Documentário sobre minimalismo, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7L6jCsrwB9w>>. Acesso em: 13 jun. 2020.

PAULA, Andreza de et al. **7 Pétalas** - O Documentário, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h_6rZByKvrc>. Acesso em: 13 jul. 2020.

PENAFRIA, Manuela. **O filme documentário: História, Identidade, Tecnologia**. Lisboa: Edições Cosmos, 1999.

RABIGER, Michael. **Directing the Documentary**. 3. ed. Oxford: Butterworth-Heinemann, 1998.

STILLS, Stephen. **Johnny's Garden**, 1972. Disponível em: <<https://genius.com/Stephen-stills-johnnys-garden-lyrics>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

UNIPERMACULTURA. **Eco Vila Dom José I**, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BKLYggXw6fs>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

WYATT, Thomas. **Whoso List to Hunt, I Know where is an Hind**, 2020. Disponível em: <<https://www.poetryfoundation.org/poems/45593/whoso-list-to-hunt-i-know-where-is-an-hind>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

ZANOVELI, Jaqueline; MATOS, Marina; CARIAS, Silvana. **Ecovilas: (re)construção de ideias**, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Nyaq14H3JJo>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

APÊNDICE 1 — CRONOGRAMA DO PROJETO

	Ago. 2019	Set. 2019	Out. 2019	Nov. 2019	Dez. 2019	Jan. 2020	Fev. 2020	Mar. 2020	Abr. 2020	Mai 2020	Jun. 2020	Jul. 2020
PESQUISA*	X	X	X	X	X	X						
GRAVAÇÃO						X		X**				
DECUPAGEM						X	X	X**				
MONTAGEM							X	X				
EDIÇÃO							X	X	X			
CORREÇÃO DE COR											X	
RELATÓRIO								X	X	X	X	
REVISÃO												X

* A pesquisa começou antes da data em questão, mas em razão da disciplina de TAC I ter iniciado no segundo semestre de 2019, a data indicada foi a da disciplina.

** Uma segunda viagem ao Instituto Arca Verde estava planejada para captação de imagens, porém, devido à pandemia de COVID-19, não foi possível, interferindo no cronograma, bem como no resultado final.

APÊNDICE 2 — TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ENTREVISTAS

Você foi convidado para participar, como voluntário, em um trabalho de conclusão de curso. Com as esclarecidas informações a seguir, você aceita colaborar com o estudo assinando o final deste documento.

Título do projeto: **A vida em comunidade**

Pesquisador: Felipe Pozzobon Richardt

Contatos: Telefone/ WhatsApp: (48) 991141691

E-mail: paraofelippe@gmail.com

Orientadora: Dra. Veneza Mayora Ronsini

O objetivo desta pesquisa é analisar aspectos da vida em comunidades intencionais, a forma como se relacionam com a comunicação e os impactos que geram no ambiente no qual vivem.

A sua participação na pesquisa consiste em entrevistas feitas através de gravações audiovisuais (imagem e som) coletadas pelo pesquisador. O procedimento aplicado por esta pesquisa não oferece risco a sua integridade moral, física, mental ou efeitos colaterais. As informações coletadas não serão usadas de forma comercial, apenas com intuítos de pesquisa acadêmica.

Caso não queira mais fazer parte da pesquisa, favor entrar em contato pelos meios citados acima. Você tem garantida a possibilidade de não aceitar mais participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

Uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido ficará em posse do pesquisador, e sugere-se que o sujeito participante da pesquisa guarde outra.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____,
RG _____, CPF _____,
concordo em participar do estudo como sujeito, aceito que minha imagem e fala captada seja veiculada em eventos acadêmicos sem fins lucrativos, bem como veiculado em sites

da internet para sua divulgação, como por exemplo YouTube. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos, bem como os benefícios decorrentes da minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento.

São Francisco de Paula, ____ de janeiro de 2020.

APÊNDICE 3 — ROTEIRO DE ENTREVISTAS

NOME

Idade:

Estado civil:

Escolaridade:

DATA

DURAÇÃO

- 1 - Qual foi a principal motivação para escolher viver no Instituto Arca Verde?
- 2 - Quais atividades de trabalho exerce na comunidade?
- 3 - Qual trabalho exercia antes de vir morar na comunidade?
- 4 - Você busca mudança a nível global ou algo mais voltado para o grupo da comunidade?
- 5 - Como você se enxerga em relação à sociedade externa? Como você percebe que a sociedade externa enxerga você?
- 6 - Como você tomou conhecimento das ecovilas e comunidades alternativas?
- 7- Você acha necessário uma mudança na forma como a sociedade lida com os recursos e com os problemas que a má gestão desses recursos traz à sociedade? Que tipo de mudança?
- 8 - O que é permacultura, e qual sua importância dentro do sistema que vivemos?
- 9 - Quais as vantagens que a vida em comunidade lhe trouxe? Você percebe alguma desvantagem?
- 10 - Como você percebe a vida em comunidade em relação à sociedade capitalista baseada no consumo?
- 11 - Sente falta de algo que não pode ter aqui? Sente falta de algum tipo de tecnologia?
- 12 - Você mantém contato com algum familiar ou amigo de fora daqui? Como? Com que frequência?
- 13 - Como é sua relação com os meios de comunicação (livros, cinema, jornal, etc.)? Qual a diferença desta relação quando você morava fora do Instituto e agora?
- 14 - Como era o uso do celular e da internet antes de morar na comunidade?
- 15 - Como é o uso do celular e da internet morando na comunidade?

16 - O que significa para você comunicar-se nas redes sociais?

17 - Você acredita que a presença nas redes sociais (Facebook, blogs, YouTube, Twitter) é importante para a manutenção/funcionamento das ecovilas?

18 - Você acredita que a presença das ecovilas e comunidades nas redes sociais colabora para uma visão positiva da sociedade em relação a elas?

19 - Como vocês se organizam para produzir os conteúdos das redes sociais da ecovila?

20 - Qual a filosofia, crença espiritual ou visão de mundo que está na base do modo de vida da comunidade?

21 - Há algum tipo de intercâmbio com outros grupos sociais, como por exemplo quilombolas, indígenas ou pequenos produtores rurais?